

Elaboração de esquemas de análise a partir de observação do comportamento infantil na situação de jogo*

RODICA ROIZENBLATT**

1. Introdução; 2. Método; 3. Os esquemas de análise; 4. Conclusão: aplicabilidade dos esquemas de análise.

A presente pesquisa teve como objetivo desenvolver uma técnica de observação sistematizada que facilitasse e orientasse a observação e a análise do comportamento infantil, expresso na situação de jogo em grupo, de crianças de quatro a sete anos de idade. A partir dos dados de observação, foram propostos vários esquemas de análise, que permitem uma descrição rápida, econômica e simples do comportamento infantil em relação às categorias cognitivas, afetivo-emocional e social, tornando assim a observação uma técnica mais utilizável no processo de diagnóstico psicológico.

1. Introdução

O papel da observação dentro do processo de investigação científica nas ciências humanas tem sido amplamente estudado. Em psicologia do desenvolvimento, a observação recebeu especial atenção por parte dos teóricos (Wright, 1960; Weick, 1968 etc.), quanto aos diferentes métodos de registro e análise do comportamento infantil. Entretanto, a prática sistematizada da observação direta do comportamento tem encontrado pouco desenvolvimento, principalmente na área do diagnóstico.

A observação, como técnica auxiliar no diagnóstico, permite ao psicólogo o delineamento de um perfil psicológico do indivíduo, através de uma coleta sistematizada de dados, desde os níveis mais objetivos do comportamento expresso, até níveis mais subjetivos, que envolvem os aspectos implícitos de um

* Artigo apresentado à Redação em 2.12.83. Endereço da autora: Rua Thomas Carvalhal, 849/102 — 04.006 — São Paulo, SP.

** Psicóloga-clínica.

comportamento aparente (motivos, sentimentos etc.). Sua compreensão auxilia o profissional a tomar decisões sobre seu paciente.

A complexidade do comportamento a ser analisado, sua difícil descrição e interpretação, o medo de fazer inferências, o conhecimento teórico que se supõe necessário ter, além da sensação de maior "segurança" que os testes oferecem, tornam a observação uma técnica pouco explorada. Ficou clara para nós, então, a necessidade de desenvolver uma técnica sistematizada de análise que fornecesse uma orientação do que observar e como analisar um comportamento complexo (como a situação de jogo, por exemplo).

Para tanto, foram elaborados esquemas de análise a partir da observação do jogo espontâneo de grupos de crianças frente a brinquedos comumente usados, que permitem uma descrição dos comportamentos infantis em relação a três categorias básicas: maneira de conhecer o ambiente; reação afetivo-emocional às situações e o grau de sociabilidade através das inter-relações com os demais elementos presentes na situação.

2. Método

A pesquisa foi realizada numa escola particular de São Paulo, de nível sócio-econômico médio-superior, cujo método de ensino segue a linha montessoriana.

Foram observadas 54 crianças (27 meninos e 27 meninas) de quatro a sete anos de idade. As crianças foram divididas por idade e sexo, obtendo-se em cada faixa etária seis grupos de crianças, sendo três compostos de meninos e três compostos de meninas. O critério de seleção das crianças que pertenciam a um grupo seguia uma escolha ao acaso: a pesquisadora entrava na classe e perguntava quem queria ir brincar com ela naquele dia; as crianças que se manifestassem eram escolhidas, cuidando apenas para serem do mesmo sexo.

O material de jogo exposto livremente pela sala era composto pelo material do Cenoteste (devido à grande variedade de áreas que ele abrange), acrescentado de bolas, folhas de papel, lápis preto e de cor, tesouras, borrachas, colas, massinha para modelar, cornetas e mais cubos para construção.

Conforme conjunto de estudos-piloto por nós realizado, foi desenvolvido um método de registro, no qual, com o auxílio de um gravador e duas observadoras, eram anotados os comportamentos de cada criança separadamente e em conjunto.

3. Os esquemas de análise

Comparando-se os registros de observação, foram levantados todos os tipos de comportamento que apareceram. Esses comportamentos foram agrupados e ordenados em termos da função psicológica a que se referiam. Cada esquema de análise representa a relação entre um conjunto de comportamentos diversos relacionados com uma determinada função psicológica. Procuramos analisar os comportamentos das crianças dentro das três grandes categorias: cognitiva, afetivo-emocional e social. Na categoria *cognitiva*, dentro de uma primeira subcategoria de análise, temos a *exploração*, pela qual entendemos um reconhecimento visual e/ou manipulação de objeto(s), com intuito de descobrir

sua(s) qualidade(s), causa(s), efeito(s), limite(s), sem um objetivo explícito de uso imediato dentro de um contexto maior. A exploração precedeu quase todas as atividades de jogo, ocorrendo tanto em relação ao *material* de brinquedo, como ao *espaço*, como também o reconhecimento dos limites de aceitação e *reação dos colegas e dos adultos*.

Como segunda subcategoria, consideramos a *atenção* que a criança dispensa para a execução das tarefas. Consideramos o *grau de concentração* (dispersa ou concentrada) e de *fixação* (maior ou menor persistência) na execução de um trabalho.

Uma terceira subcategoria de análise é a *percepção*: capacidade de destacar a figura, que é o centro da atenção, dos estímulos que a envolvem (fundo). Consideramos a *percepção* detalhada do *material* de brinquedo e da *própria situação*, além da *percepção das atividades dos companheiros*.

A *memória* foi uma outra subcategoria destacada, mais especificamente a *memória recente*, compreendida como a maior ou menor capacidade de reter e evocar acontecimentos ou fatos recentes.

Uma outra subcategoria de análise é quanto ao tipo de *elaboração* apresentado, isto é, a maneira de lidar com o material apresentado, quanto ao: a) *grau de originalidade* (elaborações mais ou menos comuns); b) *grau de fantasia* (de conteúdo mais ou menos expressivo); c) *uso ou não de símbolos* (ao nível concreto — que usam características reais do objeto — ou a um nível simbólico — nível de “faz-de-conta”, sendo que a criança atribui aos objetos um significado próprio para aquele momento que pode independender total ou parcialmente do significado concreto do objeto ou da situação).

Outra subcategoria de análise foi quanto à *linguagem*. Vários aspectos da linguagem foram analisados: vocabulário (amplo ou restrito), *dicção* (boa ou não), *tamanho da sentença*, *construção gramatical* (correta ou não), *tipo de sentença* (afirmativa, negativa, interrogativa, exclamativa, condicional) e o *nível de comunicação entre o grupo* (verbal e não-verbal).

A última subcategoria cognitiva foi quanto a maior ou menor facilidade em tomar *iniciativa*.

Dentro da categoria *afetivo-emocional*, descreve-se a maneira individual de cada criança expressar qualitativamente o que sente e o tipo de adaptação que está realizando na situação que vive.

A. Quanto ao nível de *expressividade* emocional frente ao contato com outros companheiros dentro de um grupo:

a) *independência/dependência* (independente seria aquela criança que age com autonomia, sem necessidade de aprovação ou apoio; a dependente seria aquela que não tem autonomia, necessita de aprovação e apoio);

b) *retraimento/exibicionismo* (a criança retraída apresenta uma inibição de ação além de um isolamento; a exibicionista possui necessidade de se sobressair, de confirmar sua autoridade de grupo);

c) *timidez/expansividade* (a criança tímida apresenta receio, acanhamento, embaraço; a criança expansiva é desembaraçada, ousada, desenvolta);

d) *agressividade*: aparece tanto sob uma forma direta, através de agressões físicas, como indiretamente, através de uso de símbolos;

e) *maior ou menor possessividade* (entende-se por possessão a capacidade da criança de reter e juntar para si o maior número de objetos).

B. *Quanto à manifestação de expressões emocionais*: encontramos o choro, o riso, a raiva, a insatisfação (descontentamento) e a impulsividade.

Dentro da *categoria social*, analisou-se o grau de maturação social de cada criança, tendo em vista sua *capacidade de se integrar num grupo* (definida tanto pela sua maior ou menor capacidade de estabelecer contato com os outros membros, como pela expressão da vontade de participar), nível de *participação dentro do grupo* e seu *comportamento em relação às regras*. Quanto ao tipo de participação dentro do grupo, foram diferenciados quatro tipos: *competição* (que envolve uma participação conjunta das crianças em direção a um objetivo comum, mas a ser conquistado separadamente); *cooperação* (envolve uma participação conjunta das crianças numa tarefa com determinado objetivo, de tal maneira que o resultado final denota uma soma de esforços individuais); *submissão* (implica a aceitação de tarefas ou regras sugeridas pelos colegas sem contestação nem voto de participação na elaboração das idéias); *rebelião* (não-aceitação sistemática das idéias propostas).

Analisando o grupo, dois aspectos foram levantados: *papéis* que aparecem e a *estruturação* do grupo. Quanto à caracterização dos papéis, nota-se a existência de *papéis complementares* (pai-filho, por exemplo) com a aceitação ou não da complementariedade pelo colega e a maior ou menor *persistência* (duração) no desempenho dos papéis. Analisando a estrutura do grupo, cada elemento pode ser *líder* (aquele que centraliza, orienta ou coordena as idéias, atividades e interesses do grupo), *povo* (a criança que segue as determinações do líder), *elemento de triangulação* (aquela criança que funciona como catalisadora entre os outros dois membros do grupo, amenizando a competição) e o *excluído* (aquele indivíduo que não participa do grupo, tanto por vontade própria como por não ser aceito pelos outros).

4. Conclusão: aplicabilidade dos esquemas de análise

Observamos que os esquemas de análise definidos neste trabalho permitem a descrição do comportamento total da criança frente a uma nova situação e na relação com outras crianças, ao contrário do que as pesquisas de observação de jogo denotam como procedimento comum, em geral, que é dicotomizar comportamentos e áreas e se ater a uma delas, diluindo-se a visão da criança como um todo.

Os esquemas de análise funcionam como facilitadores de análise de aspectos particulares do comportamento, que permitem, uma vez obtidos, a recomposição do todo. Essa recomposição não consiste numa mera síntese dos comportamentos observados, mas sim no estabelecimento de uma inter-relação entre os vários esquemas.

Nota-se, também, que a nossa proposta foi elaborar esquemas que independam de um enfoque teórico específico, situando a teoria não como filtro entre o observador e os dados, mas sim como base para posterior interpretação dos dados conforme as diversas linhas de pensamento dos teóricos.

A linguagem simples e clara dos esquemas de análise, expressos em termos de maior ou menor capacidade da criança de apresentar tal comportamento, facilita a descrição e a interpretação da sua personalidade. Como o sistema de observação com base nesses esquemas envolve apenas lápis, folha e gravador, torna-se um método mais econômico, versátil, à medida que pode ser feito em qualquer lugar oportuno, tornando-se um método rápido de avaliação.

É importante acentuar, no entanto, que os esquemas de análise propostos são dependentes do método de observação e registro utilizados, além das características das crianças observadas (nível sócio-econômico, tipo de ensino etc.) e da situação escolhida (o jogo em grupo). Uma ampliação e variação dessas condições permitirão, provavelmente, um aprofundamento e ampliação maior dos esquemas de análise.

Abstract

The aim of this research was to develop a systematic technique of observation which would make easier and guide the observation and analysis of child's behavior, expressed in play group setting, of four to seven years old children. Several analysis schemes were suggested from observational data, which allow a quicker, more economic and simple way description of children's performance according to cognitive, affective-emotional and social categories, transforming then the observation process as a more employed technique of the psychological diagnostic process.

Referências bibliográficas

- Barnes, K. E., Preschool play norms: a replication. *Developmental Psychology*, 5:99-103, 1971.
- Bijou, S. W.; Peterson, R. F. & Ault, M. H. A method to integrate descriptive and experimental field studies at the level of empirical data and concepts. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 1(2):185-91, Summer 1968.
- Bleger, J. Enquadres para el estudio de la conducta. In: *Psicologia de la conducta*. Buenos Aires, Eudeba, 1962.
- Bomtempo, E. Papel do brinquedo no controle do comportamento. *Boletim Psicológico*, 25(66):13-6, 1974.
- Brunelle, L. & Leif, J. *O jogo pelo jogo*. São Paulo, Zahar, 1979.
- Chateaux, J. *Le jeu de l'enfant après trois ans, sa nature, sa discipline*. Paris Libraire Philosophique, J. Vrin, 1967.
- Clarke-Stuart, A. Reliability: a special problem for naturalistic observation of parent-child interaction. Apresentado ao XIX International Congress of Applied Psychology. Munich, July, 1978.
- Gutton, P. *Le jeu chez l'enfant*. Paris, Larousse, 1973.
- Harron, R. & Sutton-Smith, B. *Child's play*. New York, John Wiley, 1971.
- Hutt, S. J. & Hutt, C. *Observação direta e medida do comportamento*. São Paulo, EPU, 1974.
- Lowe, M. Trends in the development of representational play in infants from one to three years: an observational study. *Journal of Child Psychology*, 16:33-74, 1975.
- Piaget, J. *A formação do símbolo da criança; imitação, jogo e sonho, imagem e representação*. Rio de Janeiro, Zahar, 1975.
- Sollitto, N. A. *Observação da interação mãe-nenê, em uma situação natural*. Tese de doutorado. São Paulo, 1977.
- Weick, K. E. Systematic observational methods. In: Lindzey, G. & Aronson, E., ed. *The handbook of social psychology*. London, 1968. v. 2. p. 357-451.
- Wright, H. F. Observational child study. In: Mussen, P. H. *Handbook of research method in child development*. New York, 1960.